

A LITERATURA INTIMISTA FRENTE AOS DILEMAS DO ENGAJAMENTO: UMA ANÁLISE DOS ROMANCES *QUARUP* E *PESSACH: A TRAVESSIA*

PSYCHOLOGICAL LITERATURE FACING THE DILEMMAS OF ENGAGEMENT: AN ANALYSIS OF THE NOVELS *QUARUP* AND *PESSACH: A TRAVESSIA*

Jefferson Queler¹

Universidade Federal de Ouro Preto
<https://orcid.org/0000-0002-4252-6620>
jeffqueler@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo, analisarei duas obras da literatura brasileira bastante conhecidas por seus temas engajados, a saber, *Quarup* e *Pessach: a travessia*, ambos de 1967, muitas vezes associadas à busca pela revolução brasileira. Seus respectivos autores, Antonio Callado e Carlos Heitor Cony, notabilizaram-se no início de suas carreiras pela construção de narrativas de cunho intimista e psicológico. Em meados da década de 1960, porém, incorporaram a essa dicção temas prezados por setores da esquerda revolucionária, como o recurso à luta armada. É possível que tenham feito essas novas escolhas estéticas embalados tanto pelos deslocamentos análogos que experimentaram no campo jornalístico após o golpe de 1964, quanto por pressões de um público consumidor de arte engajada que vinha se formando havia alguns anos. Dessa forma, talvez seja possível compreender os referidos livros como representações ficcionais de encruzilhadas com as quais se deparavam grupos de esquerda no Brasil naquele período, e não como prescrições de fórmulas revolucionárias.

PALAVRAS-CHAVE: Cony; Callado; Literatura; Engajamento; Literatura intimista.

ABSTRACT: In this article, I will analyze two pieces of Brazilian literature well known for their engaged themes: *Quarup* and *Pessach: a travessia*, both published in 1967 and often associated with the search for the socialist revolution in Brazil. Their respective authors, Antonio Callado and Carlos Heitor Cony, became notable at the beginning of their careers for constructing narratives that were intimate and psychological in nature. However, in the mid-1960s, they incorporated into their style themes well valued by the revolutionary left-wing party, such as engaging in armed struggle. It is possible that they made these new aesthetic choices driven both by the similar shifts they experienced in the journalistic field after the 1964 coup, and by the pressure from a public that consumed engaged art that had been taking shape for a few years. Thus, it may be possible to understand these books as fictional representations of quandaries faced by the left-wing groups during that period, rather than prescriptions of revolutionary formulas.

KEYWORDS: Cony; Callado; Literature; Engagement; Intimist Literature.

¹ Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas.

Em trabalho anterior, procurei demonstrar como a narrativa intimista e psicológica foi um recurso empregado por um grupo de ficcionistas brasileiros. Por meio da convivência e de intercâmbios, intelectuais pertencentes às camadas médias, como Clarice Lispector, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Antonio Callado e Carlos Heitor Cony, podem ter chegado a tal escolha estética (Queler, 2023, p. 90). Ao lidar com esses jornalistas-escritores, fiquei intrigado, porém, com o fato de que apenas dois deles, Callado e Cony, evoluíram no sentido de conciliar o viés narrativo intimista com temas políticos engajados ligados ao universo da esquerda revolucionária, particularmente em suas respectivas obras *Quarup* (1967) e *Pessach: a travessia* (1967). Nesse sentido, seguindo o caminho de outras pesquisas (Sapiro, 2019; Bourdieu, 1991), pretendo, por intermédio de uma análise externa e interna desses romances, indicar como tal redirecionamento pode estar relacionado às características sociais compartilhadas por esses dois escritores.

1 Trajetórias pessoais e profissionais

Carlos Heitor Cony foi o terceiro entre quatro irmãos homens, filho do jornalista Ernesto Cony Filho e de Julieta de Moraes. Foi cedo marcado por um estigma, um problema na dicção que obstaculizou sua socialização nos primeiros anos escolares². Atrasado nos estudos, foi educado pelo pai, o qual também era professor concursado, por um determinado período. Essa convivência com familiar que lhe servia de modelo impactou sua escolha pelo caminho da formação na área de humanidades.

A chamada Revolução de 1930 eliminou o emprego de Cony pai na imprensa. Trabalhava como jornalista sem grande notoriedade para o jornal *O País*, o qual, devido a seu alinhamento com a governo derrubado, foi saqueado e empastelado. Caiu por um tempo na clandestinidade e teve dificuldades para encontrar novo emprego em periódicos. O padrão de vida da família diminuiu, levando-a a se mudar para Niterói, opção mais em conta. Nesse período, Cony pai tentou, sem obter grandes dividendos, o comércio de rádios e a instalação de antenas.

A saída encontrada foi mudar-se para uma chácara e criar galinhas, atividade que proveu sua família por algum tempo. Cony filho, de certa forma, experimentou a estabilidade desejada pelo pai ao longo dos anos de sua juventude passados no Seminário de São José, com o propósito de se ordenar padre. Em suas recordações, deixara um núcleo familiar “pequeno-burguês” para se juntar a uma comunidade que obedecia a ritos universais e milenares.

Enquanto esteve no seminário, adquiriu, além da formação religiosa, conhecimentos de filosofia e de latim com sacerdotes de sólida formação em língua e em literatura clássicas. Além disso, acumulou amplo conhecimento literário ao ler numerosos romances, bem como praticou a escrita por meio de textos religiosos. Descontente com a mencionada instituição, porém, abandonou-a em meados da década de 1940. Depois de sua saída, iniciou o curso de Filosofia na Universidade do Brasil, mas o interrompeu pouco depois. Sem diploma universitário nem ordenação religiosa, tomou o caminho do

² Os dados a respeito das biografias de Cony e Callado foram extraídos de meu artigo anteriormente mencionado (Queler, 2023).

jornalismo, com a ajuda do pai. Este conhecia não apenas pares no ofício, mas também diversos prefeitos, o que facilitou a entrada do filho no serviço público da Câmara Municipal e no *Jornal do Brasil*, no início da década de 1950.

O capital cultural acumulado anteriormente por Cony foi em grande medida direcionado para um projeto literário. Na segunda metade da década de 1950, começou a escrever romances. Sua estreia aconteceu com *O Ventre* (1958), por meio do qual procurou legitimar sua incursão na ficção entrando no concurso Prêmio Municipal de Literatura, sem sucesso. Tal estratégia, contudo, foi exitosa com alguns de seus livros seguintes, *A verdade de cada dia* (1959) e *Tijolo de Segurança* (1960), ambos ganhadores do prêmio Manuel Antônio de Almeida, avaliado por nomes de prestígio nas letras, tais como Carlos Drummond de Andrade e Austregésilo de Athayde, no primeiro caso, e Rachel de Queiroz, Antônio Olinto e Antonio Callado, no segundo.

Suas obras foram publicadas com o auxílio de Ênio Silveira, comunista, pela editora Civilização, uma das mais reputadas do país, conhecida por publicar trabalhos de esquerda, mas também aberta a escritores de prestígio de outras orientações políticas. Sua consagração como autor no campo literário pode ter impulsionado sua carreira jornalística. Afinal, ingressou como copidesque no *Correio da Manhã*, em 1960, e ascendeu de maneira fulminante ali. Passou em seguida a repórter internacional e, a partir de 1962, a cronista, tornando-se editorialista na primeira metade da década de 1960. Portanto, a conversão do capital cultural por ele acumulado previamente na carreira de romancista sugere ter-lhe fornecido bases socioeconômicas mais seguras, seja pela diversificação de suas fontes de renda seja pela sua progressão no campo jornalístico; além de ter-lhe proporcionado o amparo de redes de sociabilidade tecidas no topo do jornalismo e da literatura.

Callado, por sua vez, único filho homem, ao lado de três irmãs, conviveu bastante com seu pai médico na infância. Este era admirador de literatura, possuidor de ampla biblioteca, na qual o filho se iniciou nas letras e na língua francesa, e poeta “parnasiano”. Sua mãe, também leitora de romances e inclinada a fazer versos, era filha de juiz e membro do Instituto Histórico e Geográfico. Os impulsos literários de Callado parecem assim provir tanto do lado materno quanto paterno. Seu pai chegou a esboçar um projeto literário, interrompido por sua morte devido à tuberculose ainda na infância do filho. Este pode então ter dado continuidade às ambições de seu genitor.

Callado aprendeu a ler e a escrever com as tias, em escola por elas administrada, tendo sido ainda influenciado pelo catolicismo fervoroso delas. Seguiu os estudos secundários no tradicional ginásio Bittencourt Silva, onde foi educado por meio de numerosos livros em francês. No ensino superior, escolheu a área de seus avôs materno e paterno ao ingressar na Faculdade de Direito de Niterói, curso que veio a concluir. Antes de se formar, começou sua carreira jornalística, em 1937, no *Correio da Manhã*. O contato inicial com este último fora facilitado por seu parentesco distante com Paulo Bittencourt, proprietário do periódico. Em seguida, passou a trabalhar igualmente em *O Globo*.

Callado conseguiu projetar sua carreira na imprensa e nas letras com uma estada na Europa. Em 1941, assumiu um emprego na BBC em Londres, em plena Segunda Guerra Mundial, como tradutor e repórter, tendo permanecido no exterior até 1947. Em meio a esse período, atuou por volta de um ano na *Radio-Diffusion France*, em Paris. Além da experiência profissional por ele acumulada no âmbito

de notórias empresas midiáticas, acompanhou as cenas teatrais efervescentes das referidas capitais, fez leituras variadas, aprofundou-se em dois idiomas e casou-se com a britânica Jean Watson, a qual contribuiu para que ele mantivesse contato íntimo com a língua e cultura inglesas. Sua ligação com atividades de promoção da cultura brasileira na Inglaterra incentivou seus estudos sobre seu país natal.

Ao retornar ao Brasil, ascendeu rapidamente no meio jornalístico. No *Correio da Manhã*, trabalhou como correspondente internacional e se tornou próximo da cúpula do jornal, em especial dos badalados críticos literários Otto Maria Carpeaux e Álvaro Lins, e de escritores que começavam a se destacar, como Guimarães Rosa, indivíduos que se transformaram em seus interlocutores na fase em que esboçava textos literários. O contato com Álvaro Lins o aproximou de José Olympio, dono da casa editorial mais celebrada do país, que publicaria mais tarde três de suas obras.

Seu primeiro livro lançado foi *Esqueleto na lagoa verde: ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett* (1953), produto de reportagem investigativa no Xingu e de seu primeiro contato direto com os indígenas. Publicado pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura, aproximava-se da narrativa do romance policial. Em 1954, estreou na ficção com o romance *Assunção de Salviano* e a peça teatral *A cidade assassinada*. Não parece casual, assim, que sua ascensão ao cargo de redator-chefe do *Correio da Manhã* tenha ocorrido naquele mesmo ano. Seus avanços na disputa pelo direito de narrativa o haviam levado ao topo do jornal mais proeminente da antiga capital, bem como variado suas fontes de renda e de prestígio ao lançá-lo como dramaturgo e escritor.

Em 1959, Callado se demitiu do cargo de redator-chefe e tornou-se novamente repórter do *Correio da Manhã*. Naquele ano, produziu uma série de reportagens sobre o Nordeste, nas quais versou sobre os óbices para a industrialização ali, identificados sobretudo na estrutura agrária então vigente. Como forma de superá-los, apoiou uma reforma agrária moderada e elogiou a atuação das Ligas Camponesas e de suas lutas no campo. Da união desses textos, surgiu seu livro *A indústria da seca e os "galileus" de Pernambuco* – baseado nesta experiência, publicou, em 1964, a peça *Forró no Engenho Cananeia*.

Em seguida, Callado trocou o referido periódico pelo *Jornal do Brasil*. Por meio deste, retornou ao Nordeste em 1964, ocasião em que produziu cobertura exaltando as ações reformistas do governador Miguel Arraes em Pernambuco, vistas como vanguardistas no sentido de modernizar o capitalismo no país e evitar saídas revolucionárias. No mesmo ano, a reunião desses textos se transformou no livro *Tempo de Arraes*.

2 Trajetórias cruzadas

As semelhanças entre os posicionamentos e os deslocamentos de Cony e de Callado no campo jornalístico, nos primeiros momentos após o golpe de 1964, talvez ajudem a explicar suas novas escolhas estéticas no âmbito literário. Críticos do governo Goulart, Callado e Cony passaram, porém, a ser opositores acerbos do governo ditatorial que se seguiu a ele³. Ambos escreveram colunas contundentes

³ Como um dos editorialistas do *Correio da Manhã*, Cony participou da confecção dos contundentes editoriais intitulados

para o *Correio da Manhã*, colocando-se contra arbitrariedades do regime então vigente, em consonância com outras vozes críticas do tradicional jornal liberal-conservador⁴. Depois de trabalhar algum tempo no *Jornal do Brasil*, Callado regressou, por um breve período, ao *Correio da Manhã* como redator-chefe. Nesse momento, as colunas de Cony contrárias ao regime colocaram pressões comerciais e políticas sobre a administração do jornal. Em tal cenário, Cony escreveu, no início de 1965, a incisiva coluna “Ato Institucional 2”, em que imaginava o próximo arbítrio do governo em termos constitucionais, supostamente em conluio com atuação onipresente dos Estados Unidos. Em seguida, escreveu sua carta de demissão do *Correio da Manhã*, entregue a Callado, que, após discussão com a cúpula do periódico, demitiu-se juntamente com o companheiro (Cony, 2010, p. 249)⁵.

Esses destinos convergentes novamente se uniram nas páginas do jornal *Reunião*, fundado após o golpe pelo editor Ênio Silveira e pelo jornalista Paulo Francis. O primeiro foi seu diretor geral, e o segundo seu diretor responsável. Trabalharam ainda na administração do jornal o poeta Thiago de Mello, secretaria e arte; Joaquim Ignácio Cardoso, gerência; Ana Arruda, Fernando Pessoa Ferreira e o próprio Carlos Heitor Cony como redatores. Em seu primeiro editorial, escrito por Ênio Silveira, o jornal propunha-se a ser um “semanário de esquerda que chamaríamos ecumênico”, destinado a propor ideias voltadas para a emancipação e o desenvolvimento do país. O periódico teve vida curta, entretanto, tendo sido publicado em apenas três edições em razão da repressão política que recaía sobre vários de seus colaboradores (Czajka, 2020). Com essa compreensão do que significava ser de esquerda, *Reunião*, encabeçado por militantes comunistas, abria-se igualmente para jornalistas e intelectuais liberais críticos da ditadura, como Cony e Callado.

Em suas memórias, Cony demarcou esse momento de sua vida como a passagem de um “estágio de alienação total” para uma postura engajada (Cony, 2010, p. 207). Sua participação na equipe de editorialistas na confecção de editoriais do *Correio da Manhã* que contribuíram para a derrubada do governo Goulart problematiza, porém, essa ideia. O que parece ter acontecido é uma mudança de posicionamentos políticos. Desse modo, é provável que esses conceitos de alienação e engajamento estivessem mais relacionados com as cobranças que recebeu de setores da esquerda à época. Cony relembrou o lançamento de seu quinto romance, *Antes, o verão* em 1964, no qual narra um drama de um casal que pretende se separar. Porém, preocupados com os filhos jovens prestes a entrar em férias, optam por continuar juntos durante o verão, antes de selar o divórcio. Segundo Cony, leitores de suas crônicas exasperaram-se com tal enredo: “Como podia eu desperdiçar tempo e trabalho numa história

“Basta” e “Fora!”, direcionados ao então presidente pouco antes de sua derrubada (Cony, 2010, p. 218). Callado, por seu turno, considerava a queda de Goulart, em grande parte, produto de sua “própria inoperância” (Callado, 1964, p. 249).

4 Segundo Fernando Gabeira, no que concerne à imprensa logo após o golpe de 1964, “o centro da oposição estava localizado no *Correio da Manhã*, de onde surgiam excelentes artigos condenando o governo. Antonio Callado, Otto Maria Carpeaux, Carlos Heitor Cony, Márcio Moreira Alves e Hermano Alves eram alguns dos autores da crítica à ditadura. Os jornais chegavam às bancas e praticamente se esgotavam. Se a venda avulsa desse lucro, o *Correio da Manhã* daquela época teria prosperado rapidamente” (Gabeira, 1984, p. 40).

5 Entre os motivos para sua saída, Callado, além da solidariedade com Cony, certamente percebia o declínio empresarial e político do *Correio da Manhã*. Em depoimento, ao se referir ao grande esforço de Niomar Moniz Bittencourt, então à frente do jornal, para defendê-lo nos anos da ditadura, relatou: “o jornal já estava muito enfraquecido. E isso não começou no tempo de Niomar não. O CORREIO já sentia a concorrência de uma nova imprensa e a necessidade de grandes investimentos. Sofreu pressões várias, inclusive a pressão política [...]” (Callado, 1991, p. 222).

banal, de angústias pequeno-burguesas, quando tudo parecia pegar fogo na vida nacional?” (Cony, 2010, p. 242).

A essas reações juntaram-se outras, de leitores de suas colunas incomodados com o teor supostamente apolítico de seus textos logo após o golpe. Numa delas, “Compromisso e alienação”, escrita no calor dos acontecimentos e em resposta a seus críticos, relatou: “Atribuem-me barganha, medo ou arrependimento. Sou interpelado na rua, pelo telefone e, além de interpelado, sou às vezes provocado” (Cony, 2010, p. 246). Ao que parece, Cony – e certamente Callado, ainda que de forma específica – sentia as pressões sociais de um público que cobrava determinadas formas de engajamento político⁶.

Seja como for, Callado e Cony se engajaram na vida pessoal em manifestações contra a ditadura. No final de 1965, ambos, juntamente com colaboradores do jornal *Reunião*, participaram de um protesto contra o governo Castelo Branco em frente ao Hotel Glória, no Rio de Janeiro, durante evento da Organização dos Estados Americanos (OEA). De acordo com Cony, *Reunião*, “já sendo alternativo em termos de imprensa, quis ser alternativo na rua” (Cony, 2010, p. 208). Em protesto conhecido como “Oito do Glória”, na verdade nove artistas e intelectuais organizaram uma das primeiras manifestações contra a ditadura, com o propósito de denunciá-la internacionalmente. Além de Callado e Cony, tomaram parte dela o jornalista Márcio Moreira Alves; os cineastas Glauber Rocha, Mário Carneiro e Joaquim Pedro de Andrade; o embaixador Jayme de Azevedo Rodrigues, então afastado do Itamaraty; o diretor teatral Flávio Rangel; e o poeta Thiago de Mello. Com exceção do último, os outros foram presos e levados para a prisão do Batalhão da Polícia do Exército, na rua Barão de Mesquita, na Tijuca⁷.

Nesse jornal de esquerda “ecumênico”, Callado e Cony não apenas escreveram e publicaram lado a lado com intelectuais que pensavam sobre os rumos da revolução brasileira, eles também travaram igualmente contatos pessoais com alguns deles e, certamente, discutiram temas caros a esses sujeitos. Um caminho que circulava no meio artístico, em 1965, especialmente no âmbito do Cinema Novo, referia-se ao tema da luta armada. No filme *O desafio*, de Paulo César Saraceni, lançado naquele ano, a discussão acerca dos dilemas do intelectual engajado após o golpe culmina com a opção do personagem principal pelas armas.

Temática similar, em que o personagem central abraça a luta armada, apareceria em *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, filme que veio a público em 1967, cujas cenas foram em grande medida pensadas – e escritas em papel de embrulho – pelo cineasta na prisão da Rua Barão de Mesquita, em cela dividida com Callado e Cony. Este recorda que, naquelas circunstâncias, “Callado já tinha escrito cerca de 90% do *Quarup*, e eu começava a escrever [referência a *Pessach: a travessia*], sem saber o que o Callado tinha feito” (Cony, 1996). Em meio a essa convivência, é provável que tenham discutido o assunto das ações armadas no que concerne tanto à vida pública quanto às obras artísticas.

6 É possível que, em meio a esses apelos, lidassem com cobranças de um público consumidor de arte engajada formado entre os anos de 1955 e 1966, especialmente em torno do teatro e do cinema. Esse tipo de expressão artística, marcada por um viés de esquerda, objetivava, por um lado, criar uma vanguarda destinada a encabeçar o processo reformista-revolucionário em marcha ao longo do governo Goulart, entrevista sobretudo nos jovens estudantes; e, por outro, ampliar seu alcance junto à sociedade, uma vez que era concebida como um meio de conscientização das massas, com o potencial de mobilizar trabalhadores rurais, operários e camadas médias (Napolitano, 2001, p. 106).

7 Informações retiradas do site: <https://riomemorias.com.br/memoria/protesto-dos-oito-do-gloria/>. Acesso em 09 jan. 2024.

Na trajetória de Callado e Cony, ocorreram contatos diferenciados da parte de cada um deles com a resistência armada efetivamente articulada por determinados grupos para enfrentar a ditadura. Cony contou que, em meio a patrulhamentos e cobranças, foi convidado por um amigo para uma “aventura guerrilheira”, em 1964, tendo declinado (Cony, 2010, p. 248). Callado, por seu turno, asseverou que contribuiu para o primeiro movimento de luta armada contra o regime, organizado por Leonel Brizola entre 1966 e 1967, montado principalmente na serra do Caparaó. Afirmou que levou um carregamento de armas aos combatentes ali reunidos, tão pesado que o “carro chegou a gemer em cima dos pneus” (Ridenti, 2000, p. 145-147). Até o momento, não localizei relatos que confirmem tais versões. De qualquer forma, não há evidências de que Callado ou Cony tenham aderido a ideias ou movimentos revolucionários⁸.

3 Os dilemas do engajamento nos romances *Quarup e Pessach: a travessia*

Ambos os livros foram publicados em 1967, pela editora Civilização Brasileira, e, desde os primeiros momentos, foram comparados por alguns de seus comentaristas⁹. Anos mais tarde, o crítico Malcolm Silverman defendeu que os dois livros ofereciam uma “solução revolucionária” (2000, p. 277). Todavia, esse ponto de vista, de que tais obras propunham um chamado à luta destinado a mudar radicalmente o sistema político do país, parece ser uma interpretação demasiado literal de suas narrativas. É mais provável que, ao tematizarem a revolução brasileira e a adesão a ela, tocassem mais em dilemas enfrentados tanto por intelectuais como eles quanto por outros sujeitos no que diz respeito ao engajamento, sem que isso implicasse necessariamente um sentido prescritivo.

As duas estórias lidam com personagens que, ao longo dos romances, transformam radicalmente seus horizontes políticos e o modo de atingi-los: após um período de indiferença ou simples conservadorismo, engajam-se nas fileiras da esquerda revolucionária e aceitam o caminho da violência para implementar seus objetivos. Em *Pessach*, o escritor Paulo Simões, tido como alienado, termina por juntar-se a uma célula guerrilheira. De modo semelhante, padre Nando, em *Quarup*, revê gradativamente sua formação conservadora até juntar-se à luta armada contra a ditadura. Entretanto, cada obra representa essa transformação de modo diferenciado.

Ao longo de *Pessach*, não é possível identificar diretamente os conflitos de consciência que levam Paulo Simões a mudar de posição. No início da trama, ele é convidado por seu amigo Silvio para se juntar à luta armada. Todavia, recusa enfaticamente. No restante da obra, é constantemente questionado pelas pessoas que o cercam a respeito de seus escritos presumidamente alienados: pela guerrilheira

⁸ Jacob Gorender contrastou de forma crítica o Movimento Nacionalista Revolucionário (MRN), responsável pela organização daquela tentativa de guerrilha, com outras organizações da luta armada revolucionária, classificando-o como marcado por um “nacionalismo pequeno-burguês” (Gorender, 1987, p. 123-125).

⁹ Dois de seus primeiros críticos, Nelson Werneck Sodré e Paulo Hecker Filho chamaram a atenção para o fato de que ambas as obras tinham em comum o tema da revolução brasileira. Além disso, consideraram o trabalho de Cony literariamente mais bem feito em razão da concisão, supostamente ausente no de Callado, cujo volume de informações e ideias o tornaria inverossímil (Leite, 1982, p. 130). Juízos desse tipo serão, porém, evitados nesse artigo, dado que busco apenas analisar o caráter histórico-sociológico desses livros.

Vera, por sua filha com inclinações de esquerda, por seu editor, por um grupo de intelectuais engajados atuantes em sua editora. Contudo, responde ser neutro, pequeno-burguês, anarquista, comodista, indiferente ao fato político. Mostra-se inabalável, impassível diante das pressões externas.

Entretanto, talvez sejam elementos aparentemente externos a sua mente que representem sua transformação interior, e grande alegoria do livro talvez cumpra esse papel. *Pessach*, a narrativa bíblica da fuga dos hebreus do cativeiro do Egito através do deserto em busca de liberdade, é o mote do livro. Paulo, provindo de família judia, recusa-se a identificar-se com o judaísmo. Por outro lado, seu pai, que apagara seus vínculos com suas origens com medo de perseguições, resolve, no final da vida, reatar com a identidade judaica.

O termo *Pessach* apresenta uma ambivalência no livro que talvez ajude a compreendê-lo. Em sua primeira parte, ele quer dizer, para Paulo, tão-somente passar por cima, como o anjo que sobrevoou a casa dos primogênitos hebreus e os poupou. Já no restante do livro, assume o significado de travessia, mudança, alteração (Kushnir, 200, p. 227-228). Em outras palavras, Paulo mostra-se de início não apenas alheio à identidade judaica, mas também a assumir um posicionamento político mais incisivo – limitava-se a assinar manifestos contra o regime. Entretanto, muda sua perspectiva no decorrer do livro.

O ponto de virada da obra parece acontecer no fim da primeira parte, no instante em que Paulo se depara com um suicídio nas imediações de seu prédio. Alguém se jogara das alturas para pôr fim à vida. Vizinhos de Paulo, frente ao cadáver, haviam pensado se tratar do próprio escritor devido à semelhança entre ambos. O episódio talvez possa ser compreendido como o momento simbólico em que a alienação de Paulo começa a perecer e uma postura nova diante do mundo, a surgir.

Outros elementos que corroboraram essa alteração podem ser entrevistados em suas preocupações e práticas como romancista. Paulo é interpelado pelo seu editor para escrever um ensaio picaresco acerca da virgindade de uma mulher e responde propondo redigir um texto com essa temática a partir da perspectiva de um bidê. Seu editor, ao mesmo tempo que o questiona no que toca a sua suposta alienação, procura subjugar-lo aos interesses comerciais da editora. Esse projeto, porém, é abalado pela descoberta de um protótipo de romance por Laura, sua ex-mulher, iniciado por Paulo anos antes. Trata-se de história desenvolvida em torno do episódio do Êxodo, em que um homem resolve caminhar pelo deserto em busca da liberdade. O compromisso de escrever a primeira história cede então, gradativamente, às preocupações com a temática da segunda, vislumbrada por Paulo no novo cenário que a ele se avizinha.

Interceptado por Vera, Paulo é conduzido a uma decadente fazenda de café, na qual guerrilheiros treinam para entrar em combate contra as forças da ditadura. Ali conhece Macedo, líder do grupo, mutilado pela tortura nos porões do regime. Nas páginas que seguem, é possível vê-lo representado de botas e chicote às mãos, bem como residindo numa casa-grande, tal qual um feitor. Essas imagens e símbolos conotam uma nova tirania ou escravidão que ali germinam, em meio a uma utopia que se apresenta como emancipadora. Seja como for, Paulo é enleado pelo ambiente da guerrilha, seja pelas relações amorosas que ali trava seja pelos apelos à luta que vivencia.

Tal enredamento é feito de maneira alegórica, dado que, à primeira vista, o personagem parece

impermeável a posicionamentos políticos mais radicais. Ele passa a vislumbrar cenas do Êxodo ao seu redor, como se elas fossem reencenadas em sua imaginação. É a sua travessia, sua mudança. Para completar o quadro, depara-se com um menorá encontrado na propriedade, objeto utilizado em cultos do judaísmo. É como se o projeto de escrever o ensaio sobre o bidê cedesse espaço em seu espírito para a continuação da narrativa a respeito da caminhada daquele homem pelo deserto. Entretanto, o que antes era a busca por liberdade pessoal se transforma num ímpeto por uma presumida forma de libertação coletiva.

Após numerosas investidas para que se engajasse, Paulo finalmente endossa o chamado às armas. A virada ocorre pouco depois de a célula guerrilheira precisar abandonar a fazenda, com receio de ser atingida pela repressão. No instante de comprar passagens para os membros do grupo se refugiarem no sul do país, quando tem a chance de fugir ou denunciá-los para a polícia, Paulo sente, contudo, de forma inédita, que sua vida está atrelada à vida deles e que possui um destino: “pela primeira vez *tenho* de fazer alguma coisa. Pela primeira vez há sentido em meus passos, pela primeira vez cumpro uma ordem e repilo instantaneamente a palavra *ordem*, ninguém me ordenou nada” (Cony, 2021, p. 263-264, grifos do autor).

A sensação experimentada pelo personagem, de que afinal entrara no Tempo, parece ser uma representação literária de uma forma de pressão social engendrada naqueles anos; sentida por Cony mas não por ele traduzida em atos e ideias como esperavam setores da esquerda revolucionária.

Em *Quarup*, Nando corporifica impulso semelhante. Padre sonhador, almeja se reconectar com o experimento passado das missões jesuíticas do sul do Brasil; em sua opinião, exemplo de sociedade utópica entrelaçada por princípios igualitários e religiosos. Sua jornada no livro tem início em Pernambuco, onde planeja erigir uma missão religiosa na região do Xingu e converter os indígenas nela presentes. Durante sua estada no Nordeste, conhece Januário e Levindo, lideranças de trabalhadores rurais organizados¹⁰. Ambos compartilham o ideal de que a violência é um caminho aceitável e viável para mudar a situação do país. Já Nando se contrapõe inicialmente a essa solução sob o pressuposto de que “existe na violência um horror próprio, um elemento negativo inaceitável” (Callado, 1980, p. 352).

Entretanto, seu caminho em *Quarup* é de mudança, assim como aquele trilhado por Paulo Simões em *Pessach*. O casal de ingleses com quem faz amizade, Leslie e Winifred, proporcionam-lhe não apenas discussões intelectuais estimulantes, mas também ensejo para a liberação sexual de Nando. É com Winifred que o protagonista inicia um périplo pela redescoberta de sua sexualidade, continuada com outras personagens ao longo do livro. Suas aventuras amorosas imbricam-se com as mudanças de posicionamento político que adota durante a estória, atingindo o paroxismo com sua relação com Francisca, companheira de Levindo por quem se afeiçoa.

Levindo é o personagem cujos horizontes de viagem assemelham-se aos de Nando, ainda que

10 Muitos dos personagens e cenários criados por Callado remontam a reportagens feitas por ele anteriormente em sua carreira de jornalista. Januário, por exemplo, é uma clara referência a Francisco Julião, líder das Ligas Camponesas ao longo das décadas de 1950 e 1960, o qual foi entrevistado por Callado em série de reportagens feitas por ele para os jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Numerosas alusões como essa emergem em *Quarup*. Contudo, não as abordarei nesse artigo, no qual explorarei mais a parte ficcional desse livro.

cada um deles tenha opiniões políticas divergentes. Pensa em visitar o centro geográfico do Brasil, coincidentemente no Xingu, com o propósito de tomar-lhe um pouco da terra destinada a mover uma mitologia revolucionária. Nando, porém, não ruma inicialmente para aquela região com tal intuito, mas com vistas a fundar uma prelazia e assim catequizar os indígenas no entorno dela. Sua primeira parada é o Rio de Janeiro, onde prepara sua jornada junto ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Seu chefe local, Ramiro, atua como contraponto às concepções tanto de Levindo quanto de Nando. Entusiasta da cultura francesa, culpa os descaminhos do Brasil pelo entrelaçamento deste com a influência norte-americana, em detrimento da primeira; o que o opõe a Nando e Levindo, românticos cujos projetos miram o contato com o interior do Brasil como matéria-prima para mudanças sociais profundas.

Em seguida, Nando parte para o Xingu para passar uma temporada com os indígenas. Presencia aí os preparativos e a cerimônia do *Quarup*. Nela, pessoas mortas da tribo são lembradas e comemoradas por meio de troncos decorados, danças, jogos e comida. Trata-se de um rito de passagem em que ocorre a despedida dos mortos. Tanto o cerimonial quanto a convivência com os indígenas contribuem para a reinvenção de Nando, como se fossem uma de suas passagens. Em suas primeiras impressões no Xingu, dirigidas ao comunista Otávio, Nando declara: “Estou me sentindo um disco de cera numa gravação, sei lá” (Callado, 1980, p. 148). Em contato com populações tidas por ele como sem história, Nando parece iniciar o apagamento de parte de seu passado e abrir caminho para uma nova história.

Como complemento do mergulho de Nando pelo interior do Brasil, outra jornada é por ele encetada: a busca pelo centro geográfico do Brasil no Xingu, conhecido através de mapas, mas ainda não explorado *in loco* pelos habitantes do litoral. O objetivo de sua peregrinação, entretanto, abriga um grande formigueiro, local em que o idealista Fontoura, indefectível defensor da não interferência das populações ocidentalizadas nos modos de vida indígenas, acaba perdendo a vida, e onde se encena verdadeira ópera bufa, quando a expedição, sem bandeira para ali fincar, recorre ao vestido que Ramiro, membro da equipe, guardara da mulher amada que se perdera na floresta como marco do feito. Em outras palavras, ao mesmo tempo que a região central do Brasil contém sociedades que funcionam como fontes de uma nova utopia – no caso, os indígenas –, sinaliza, no plano simbólico, os entraves para que o país se constitua como uma nação.

É possível que tal referência explique o porquê de a narrativa de *Quarup*, que começa nos anos do segundo governo Vargas, desembocar no golpe de 1964 e na ditadura que se seguiu. O livro representa os primeiros momentos da cruenta repressão que se abate sobre os movimentos sociais e os atores progressistas do cenário político. São momentos em que as diferentes promessas de utopia da obra aparentam perder força para uma distopia instalada no poder. O próprio Nando se torna vítima das arbitrariedades do regime. Ao regressar a Pernambuco, onde se empenhara com Francisca na alfabetização de pessoas humildes por meio do método Paulo Freire, é preso e torturado durante os interrogatórios.

Em meio ao refluxo das esperanças por um país mais justo e democrático, Nando entrega-se ao amor livre e a uma vida em que o trabalho não era o centro de suas preocupações. Essas são as formas de resistência por ele encontradas em tais circunstâncias, em meio à desilusão e às múltiplas agressões por ele sofridas. Apesar de assinalarem uma considerável transformação em sua visão de mundo, prolongam sua aversão à violência. Contudo, trata-se de uma fase de sua vida retratada muito mais como

uma etapa de liberação individual do que coletiva. A figura de Levindo, que paira sobre ele por todo o livro, parece questionar essa postura. Mesmo depois de morto pela polícia, esse último impulsiona e inspira não apenas os posicionamentos políticos de Francisca, mas também os de Nando, apaixonado por ela. Em banquete oferecido à memória de Levindo, Nando devora-o ritualmente, como se quisesse se apossar de suas forças. Nessa etapa, resistia apenas a endossar seus métodos violentos.

Tal resistência rompe-se, todavia, nos últimos momentos de *Quarup*. Nando é então novamente acossado pelas forças da repressão, as quais buscam acabar com ele numa tocaia. Ao adentrar o recinto onde era aguardado por homens armados, recebe providencialmente a ajuda de Manuel Tropeiro, personagem que se juntara à luta armada contra o regime. Nando é salvo por ele, seus executores são abatidos, e, finalmente, parece se resolver o dilema em que se debatia: junta-se ao movimento armado, adotando o nome de Levindo como símbolo de sua nova opção.

Nando entra assim na história como guerrilheiro, face a encruzilhada semelhante àquela enfrentada por muitos militantes de esquerda à época. Callado certamente teve contato com pressões similares às sentidas por Cony. Porém, ainda que possa ter oferecido algum apoio a um movimento armado de características específicas no espectro de oposição à ditadura, não endossava saídas revolucionárias. *Quarup* pode referir-se, antes, a uma representação literária não apenas dos dilemas encarados por setores da oposição, como também a uma transição experimentada ou em curso entre muitos deles.

Considerações finais

Em 1968, era possível ouvir na camada Passeata dos Cem Mil, na antiga capital federal, manifestantes gritando “só o povo organizado derruba a ditadura”; já outros preferiam “só o povo armado derruba a ditadura”: indícios das tendências políticas que se digladiavam no interior do movimento (Gabeira, 1984, p. 93). A opção pelas armas como forma de se enfrentar o regime ditatorial vinha sendo debatida desde os primórdios de sua instalação. *Quarup* e *Pessach*, concebidos durante essas circunstâncias, traziam para o plano da ficção diferentes caminhos para a concretização desse caminho.

A incorporação de Cony e de Callado, em sua literatura intimista, de narrativas com temas engajados caros à esquerda pode ter ocorrido devido a uma série de fatores. Em primeiro lugar, ambos, cada um a seu modo e em momentos distintos, parecem ter cedido a pressões de um público consumidor de arte engajada. Callado vinha se aproximando desse público desde pelo menos a publicação de suas reportagens acerca do Nordeste, movimento que indica ter impactado suas escolhas estéticas com a publicação de sua peça *Forró no Engenho Cananeia*; *Quarup* foi o passo seguinte nessa direção. Cony, por sua vez, sentiu as cobranças desse público sobretudo após o golpe, tanto em sua produção jornalística quanto literária; mesmo incomodado com o que considerava ser o caráter excessivo de muitas dessas demandas, respondeu a elas com a publicação de *Pessach*.

Em segundo lugar, os movimentos de Cony e Callado no campo jornalístico podem auxiliar na compreensão de suas opções literárias. Após o golpe de 1964, alinharam-se com setores da imprensa liberal que se mostraram descontentes com os rumos do regime. Juntamente com grupo de colonis-

tas do *Correio da Manhã*, criticaram, nesse mesmo jornal, o governo e diversos de seus desmandos. Uma vez limitados em suas possibilidades de expressão nas páginas do *Correio da Manhã*, passaram a integrar as fileiras oposicionistas do periódico *Reunião*, cujas páginas dividiram com integrantes da esquerda revolucionária. Ao lado de alguns colunistas desse jornal, integraram uma manifestação contra o governo e foram por isso presos durante vários dias. Esse trânsito no interior desse grupo os trouxe para mais perto dos debates a respeito da possibilidade de se pegar em armas contra a ditadura.

Nem Cony nem Callado, porém, inseriram-se em alguma das vertentes da luta revolucionária. O primeiro criticou abertamente tal encaminhamento em *Pessach*; já o segundo, apesar de não ter seguido o mesmo caminho em *Quarup*, manifestou-se contra ideias e práticas revolucionárias em seus textos jornalísticos. No plano pessoal, Cony parece ter recusado a via armada para combater a ditadura, ao passo que Callado pode ter apoiado um grupo específico de guerrilheiros, empenhados em luta de libertação nacional, e não na recriação da sociedade sob bases igualitárias. Portanto, seus referidos romances dificilmente poderiam ser compreendidos como chamados à luta armada com objetivos revolucionários – ainda que ambos, possivelmente, conotem a necessidade de se assumir uma postura política combativa naquele momento. Tais obras talvez possam ser antes lidas como representações ficcionais distintas das transformações que se operavam nos horizontes políticos de setores da esquerda brasileira: do reformismo ao emprego da violência como forma de se lutar contra a ditadura e chegar ao socialismo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Le champs littéraire. *In: Actes de la Recherche en Sciences sociales*. v. 89, set., 1991, p. 03-46.
- CALLADO, Antonio. Depoimento. *In: ANDRADE, Jeferson de (org.), Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- Callado, Antonio. Jango ou o suicídio sem sangue. *In: DINES, A.; CALLADO, A.; ARAÚJO NETTO; BRANCO, C. C.; SOUZA, C. M.; DUARTE, E.; GOMES, P.; FIGUEIREDO, W. (orgs.). Os idos de março e a queda de abril*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1964.
- CONY, Carlos Heitor. *Pessach: a travessia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- CONY, Carlos Heitor. *Eu, aos pedaços: memórias*. São Paulo: Leya, 2010.
- CONY, Carlos Heitor. Na prisão com Glauber e Callado (entrevista). *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jul. 1996.
- CZAJKA, Rodrigo. “Sou brasileiro, democrata e editor”: Ênio Silveira e a repressão à editora Civilização Brasileira (1963-1970). *Tempo Social*, São Paulo, 32, n.2, p. 149-174, maio/ago. 2020.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?* São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*.

São Paulo, Ática, 1987.

KUSHNIR, Beatriz. Depor as armas: a travessia de Cony e a censura no partidão. *In: REIS FILHO, Daniel Aarão (org.). Intelectuais, história e política (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LEITE, Lúcia Chiappini M. Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antonio Callado. *In: LEITE, L. C. M. & LAFETÁ, J. L. & ZILIO, C. (orgs.). Artes plásticas e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NAPOLITANO, M. A arte engajada e seus públicos (1955-1968). *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 28, p. 103-124, 2001.

QUELER, J. J. Jornalismo e literatura remodelados: estudo de um grupo de intelectuais das camadas médias (1940-1960). *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 36, n. 78, p. 74-93, jan./abr. 2023.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SAPIRO, Gisèle. *Sociologia da literatura*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, 2019.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

Artigo enviado em: 5 de março de 2024

Artigo aceito em: 29 de abril de 2024